



A biografia intelectual de Gonçalves Dias: esboço de um projeto

ANDRÉA CAMILA DE FARIA FERNANDES*

O fato é que entre as singularidades de minha vida terei de mais a mais o prazer singular e esquisito de ler as minhas necrologias.

V. não se esqueça de recolher tudo o que tiver aparecido nesse gênero e mande-me. Quero fazer um álbum – uma caveira, dois fêmures em cruz, e por legenda – História de minha morte.

V. tem razão. Os ditados representam a sabedoria das nações multiplicada pelos séculos da criação do mundo.

E mesmo, quando assim não fosse, é claro que só se morre uma vez. Ora, eu já morri, não tenho mais que morrer. Resta-me agora viver desencadernadamente até a consumação dos séculos. (DIAS apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964: 329)

As divertidas palavras recuperadas aqui como epígrafe foram escritas por Gonçalves Dias em carta endereçada ao amigo Alexandre Teófilo em agosto de 1862. Na ocasião o poeta divertia-se com a confusão criada por um jornal de pernambucano que, sabendo da morte de um passageiro a bordo do navio em que Gonçalves Dias embarcara meses antes, havia suposto que só poderia se tratar do moribundo poeta e noticiara sua morte. A notícia se alastrou, fazendo chorar a “viúva” e os amigos, rendendo homenagens e necrológios ao poeta que, sem desconfiar de nada, vivia em paz na Europa. Ao tomar conhecimento da triste notícia de seu “passamento” Gonçalves Dias apressou-se em desmenti-la, mas não sem se divertir e fazer pilheria da inusitada situação.

A parte a curiosidade do caso, suas palavras na carta ao amigo nos apontam para o claro reconhecimento de que sua morte estabeleceria uma memória, na narração de sua vida nos necrológios publicados e também a preocupação do poeta em preservar estas memórias. Em outra carta, endereçada ao também amigo Antonio Henriques, ele afirmara: “É mentira!

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES/DS. Pesquisadora no Núcleo de Estudos Sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades NUBHES-UERJ.

Não morri! Nem morro, nem hei de morrer nunca mais” (DIAS apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964: 330).

Sua morte verdadeira se daria apenas em novembro de 1864, coincidentemente também à bordo de um navio, mas sua memória e suas obras não se perderam com o passar dos anos, ao contrário, continuaram sendo lembradas como um ícone de nacionalidade que faz com que ainda hoje os seus versos sejam repetidos como representação inequívoca de brasilidade. “É água de benzer, água pra clarear. *Onde canta um sabiá...*” cantava em samba a campeã Portela no carnaval carioca de 2017, 153 anos após a morte de Gonçalves Dias.

Recuperar essas histórias para nós não é apenas uma questão de curiosidade. É apontar para os diferentes usos e criações possíveis da memória e da obra do poeta e é isso o que nos importa investigar. O presente trabalho, simbolicamente intitulado “esboço de um projeto”, é apenas um primeiro apontamento das questões que norteiam o projeto de doutorado em curso atualmente no PPGH-UERJ sob o título “*A fabricação do imortal*”: *uma biografia intelectual de Gonçalves Dias*. Nele compreendemos o poeta maranhense Antonio Gonçalves Dias como uma figura que se destacou no *pantheon* nacional, desde a publicação de seus *Primeiros Cantos* em 1846, quando foi reconhecido como o verdadeiro iniciador de nossa literatura.

As biografias do poeta proliferaram desde sua morte em 1864, sem que possamos identificar nos inúmeros textos, dos mais diferentes autores, grandes diferenças na apresentação do biografado. Gonçalves Dias, em todas as obras publicadas e referenciadas à sua memória, teve uma vida sob medida para explicar sua obra, como aponta Marisa Lajolo:

Livros escolares, por exemplo, gostam de frisar que o poeta nasceu no mesmo ano em que a província do Maranhão (de forte influencia portuguesa) reconhece a independência do Brasil.

Confirmando o que parece ser lido como uma predisposição astrológica de Gonçalves Dias para a expressão de sentimento patriótico, outros textos apontam (corretamente) que ele era filho do branco João Manuel Gonçalves Dias, português, e de Vicência Mendes Ferreira, mestiça de índio e negro. Ou seja, o poeta sai dessas biografias com uma vida sob medida para alimentar interpretações bem intencionadas de coincidências: sua mestiçagem e o ano de seu nascimento não poucas vezes são convocados para explicar a gênese de certas passagens de sua poesia, como o saudosismo patriótico da Canção do exílio ou o lamento épico do Canto do Piaga.

Ao fim e ao cabo, tais leituras endossam, com menos ou com mais satisfação, a velha e ingênua idéia de que vida e obra constituem espelhos límpidos, cristalinos, sem distorções. (LAJOLO, 2005:61-62)

Nesse sentido, esses textos devem ser lidos como resultados de estratégias de fixação da memória do poeta e assim, devem ser problematizados. Tendo por base essas considerações, nosso objetivo é identificar os mecanismos de construção e fixação de sua memória, procurando (re)significar autor e obra. Entendendo que a construção da imagem e da memória do poeta está ligada à um processo muito maior que é o de construção de uma imagem nacional, buscaremos construir uma biografia intelectual que nos permita mapear essas construções, focalizando no indivíduo Gonçalves Dias de maneira a buscar compreender, ou ao menos mapear, os investimentos que permitiram a construção de uma identidade social, que como aponta Rebeca Gontijo (GONTIJO, 2006: 5-6), envolve não só a construção de uma memória, mas também a elaboração de projetos e o contínuo exercício de olhar para si. Nesse sentido, entendemos que olhar para a “construção” de Gonçalves Dias é também procurar compreender a construção de nossa identidade, a eleição de nossos ícones de nacionalidade e de um modo geral, o que podemos chamar de *fabricação* do brasileiro.

Vale pontuar, que ao escolhermos o título “A fabricação do imortal” temos em mente problematizar as estratégias de criação de memória que envolveram a fixação do poeta maranhense no imaginário nacional. Nesse sentido, o trabalho de Regina Abreu – “A Fabricação do Imortal” (ABREU, 1996) – sobre a construção da memória de Miguel Calmon e o trabalho de Peter Burke – “A Fabricação do Rei” (BURKE, 1994) – sobre Luís XIV, são referenciais. Aqui, como nesses trabalhos, a opção pelo termo “fabricação” não visa o desmonte ou a desinstitucionalização da figura ilustre, no caso, Gonçalves Dias, mas sim a compreensão de que houve um processo multifacetado de construção de memória e imagem.

Ao escolhermos a vida de Gonçalves Dias como norte para a análise das construções de identidade que se relacionam à construção da nação brasileira estamos tomando por hipótese que há diferentes tipos de legitimação na construção identitária do poeta.

Primeiramente entendemos que houve um esforço pessoal de Gonçalves Dias em se construir como “poeta nacional por excelência”. Entendemos também que houve um esforço coletivo nessa construção, que resultou do trabalho de seus biógrafos, de seus críticos e daqueles que, de alguma forma, imbuídos da tarefa de escrever a história do Brasil, elencando símbolos e memórias nacionais, se encarregaram de perpetuar referências e significados para a vida e obra de Gonçalves Dias através do tempo.

Nesse último caso, cabe buscar identificar quais foram as instâncias de reconhecimento e meios de consagração que cumpriram o papel de individualizá-lo e imortalizá-lo, procurando compreender a operação pacificadora que o tornou tão próximo a nós – a medida em que foi imortalizado e incessantemente repetido –, e ao mesmo tempo tão distante, uma vez que posto no *pantheon* nacional, deixou de ser problematizado.

Dessa forma, construir a biografia intelectual de Gonçalves Dias será não só um trabalho de recolha e análise das interpretações ditas e escritas sobre ele, mas também das imagens produzidas e divulgadas, dos marcos cronológicos que foram estabelecidos e de toda sorte de referências que ajudaram a compor a memória consolidada sobre o homem e o autor.

A partir desses pressupostos, estamos buscando então dois objetivos específicos. O primeiro buscará analisar a construção da memória do poeta, e nesse caso algumas interrogações nortearão a construção de argumentos. São elas: (i) quais as estratégias de autoconstrução empreendidas pelo poeta; (ii) qual o papel das biografias e necrológios publicados a partir de sua morte, em 1864, nessa construção de memória, e como Gonçalves Dias veio a ser apresentado (ou não) nas galerias biográficas publicadas até a década de 1970; (iii) o que significou sua recuperação pela Academia Brasileira de Letras como patrono¹; e qual o papel exercido pelas comemorações produzidas em seu nome na fixação dessa memória, que eventos de sua vida e aspectos de sua obra foram recuperados nessas comemorações; (iv) quais os usos de sua memória, e de seu nome feitos em seu estado natal, o Maranhão; (v) como se deu sua figuração nas principais críticas e histórias da literatura brasileira; (vi) como se deu formação da coleção Nogueira da Silva, que constitui hoje a

maior parte do acervo sobre o poeta sob a guarda da Biblioteca Nacional, mas que mesmo antes de sua doação à instituição, já se apresentava como fonte principal de consulta sobre Gonçalves Dias, como apontado por Lúcia Miguel Pereira².

O segundo objetivo visará problematizar os usos e figurações de suas obras literárias nessas construções, atentando, sobretudo, para os “silêncios” que cercam algumas obras, como *Meditação* (1849), e a supervalorização de outras, como a *Canção do Exílio*.

Nesse sentido, a investigação sobre o sujeito Gonçalves Dias – indivíduo, ator, autor – implicará perceber e analisar as rupturas e permanências na construção de um pensamento político múltiplo, lembrando que refletir sobre as ideias e práticas de um indivíduo é também refletir sobre os limites de sua liberdade de ação. Sendo assim, escrever a vida de Gonçalves Dias será, sobretudo, um exercício de pensar sobre a viabilidade, ou não, de seus projetos, as negociações e reciprocidades na construção de sua memória e a representatividade política destes jogos de criação e (re)criação identitária.

Dessa forma, ao considerarmos a postulação de Gonçalves Dias como autor canônico como parte de um rito de elaboração de símbolos nacionais, temos em mente que houve nesse processo toda uma construção de memória que tem muito a nos dizer, tanto no que foi selecionado para ser lembrado, quanto no que foi esquecido. Nesse sentido a escolha pela narrativa biográfica visa reconstruir o caminho dessas escolhas, identificando os momentos em que se estabelecem e os motivos que as orientam. A biografia aqui, não visa ser um “retrato em papel e letras”³ de Gonçalves Dias, mas sim uma exposição narrativa e problematizadora dos meandros de sua construção.

Considerando as reflexões de Joël Candau, estamos entendendo a memória como fonte primordial na construção de identidade (CANDAU, 2011: 16), e assim, identificamos na criação, (re)criação e fixação da memória de Gonçalves Dias como poeta ao longo do tempo, um elo com aquilo que veio a ser associado à identidade brasileira, em especial no que diz respeito à valorização da natureza e do índio, entendido como primitivo habitante das terras brasileiras.

Nas palavras de Candau,

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apóiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAU, 2011: 16)

Na elaboração do projeto estamos em busca, então, das diferentes estratégias de modulação que se empregaram na construção da memória de Gonçalves Dias enquanto sujeito, cuja vida e obra, poderiam representar um dos elos de nossa identidade nacional. A trajetória de vida é assim o caminho escolhido para recuperar as diversas operações conjugadas para a construção de uma memória comum.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALBIERI, Sara. Dialética da história intelectual. *Revista ieb*, n52, 2011 set/mar p. 139-150.

ALTAMIRANO, Carlos. Idéias para um programa de História intelectual. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BANDEIRA, Manuel. *Gonçalves Dias: esboço biográfico*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

_____. *Poesia e vida de Gonçalves Dias*. São Paulo: Editora das Américas, 1962.

BORRALHO, José Henrique de P. *A Athenas equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. 2009. Tese (doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.v.2.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CORRESPONDENCIA ativa de Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v.84, 1964. (impressão de 1971).

CORRESPONDENCIA passiva de Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v.91, 1971.

DIAS, A. Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

DIAS, A. *Obras póstumas de A. Gonçalves Dias*. São Luiz do Maranhão: Belarmino de Mattos, 1868. v. 1.

DIAS, A. *Gonçalves Dias na Amazônia: relatórios e diário da viagem ao rio negro*: introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

FARIA, Andréa Camila. *Gonçalves Dias na Amazônia: o olhar de um romântico*. Trabalho de Conclusão de curso – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

FARIA, Andréa Camila. “*O santo comércio da amizade*”: política, literatura e sociabilidade na trajetória de Gonçalves Dias. Dissertação (mestrado). Orientadora: Marcia de Almeida Gonçalves. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2011.

FRANCHETTI, Paulo. O triunfo do romantismo: indianismo e estilização épica em Gonçalves Dias. In: TEIXEIRA, Ivan. (org.) *Épicos*. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Multiclássicos)

François Chaubet. Enjeu - Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle. Bilan provisoire ET perspectives, Vingtième Siècle. Revue d'histoire 2009/1 (n° 101), p. 179-190. DOI 10.3917/ving.101.0179. Acesso 21 out 2016.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Em terreno movediço*: biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009a.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro”. GRINBERG, Keila ; SALLES, Ricardo (Org). In: _____. *O Brasil imperial 1831-1889*. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009b.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. “Mestiço, pobre, nevroptata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira”. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org). *Memória e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009c.

GONTIJO, Rebeca. Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. 2006. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n.388, jul./set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988.

HAHN, Fábio André. História Intelectual: Uma nova perspectiva (Parte 1). In: *História e-história*. http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=37#_edn1, p. 7. Acesso em 21 out 2016.

HAHN, Fábio André. História Intelectual: Uma nova perspectiva (Parte 2). In: *História e-história*. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=36>, p. 3. Acesso 21 out 2016.

LAJOLO, Marisa. O preço da leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org). *Cultura letrada no Brasil: objetos e praticas*. São Paulo, SP: Fapesp, 2005.

LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*, t.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACEDO, Joaquim Manuel de. Gonçalves Dias. In: _____. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, 1876.

_____. Discurso. *RIHGB*, Rio de Janeiro, t.27, 1864.

MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.

MARQUES, Wilton José. O poeta e o poder: favores e afrontas. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003.

_____. *Gonçalves Dias: o poeta na contramão literatura e escravidão no romantismo brasileiro*. São Paulo: EdUFSCar, 2010.

MOREIRA, Maria Eunice. *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias / Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

PALTI, Elías José. *Giro lingüístico e história intelectual*. 1ª Ed. 1ª reimp. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, 30.

------. La nueva historia intelectual y sus repercusiones em América Latina. In: *História Unisinos*. <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5908>, p. 300. Acesso 21 out 2016.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

RENAN, Ernest. O que é uma nação?. ROUANET, Maria Helena (Org.). Nacionalidade em Questão. *Cadernos da Pós/Letras*, n.19, 1997.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-180)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROJAS, Aguirre. La biografia como gênero historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antonio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

¹ Gonçalves Dias é o patrono da cadeira de nº 15, por escolha de Olavo Bilac, escolha que se deu, ao que parece, na fundação da Academia em 1897. Cabe verificar quais os argumentos utilizados por Bilac para justificar a escolha.

² Ao escrever a biografia de Gonçalves Dias Lúcia Miguel Pereira aponta que consultou, além do arquivo de Antonio Henriques Leal que havia sido recém doado por seu filho, o general Alexandre Leal, ao IHGB, como o arquivo pessoal de Nogueira da Silva, este último constituindo-se segundo ela em mais que um arquivo de raro valor, mas um ambiente de culto a Gonçalves Dias.

³ Expressão cunhada pela Prof^a Dr^a Marcia de Almeida Gonçalves para se referir as biografias num contexto de construção do imaginário nacional e que deu título à projeto de pesquisa coordenado por ela na UERJ.